Espaço para todos

O setor avícola se transforma e os novos nichos de mercado tendem a absorver pequenas e médias produções

JOSÉ CARLOS GODOY

A superação, ainda que parcial, da pior crise da moderna avicultura de corte não esconde a mudança estrutural em andamento no setor: a concentração da produção em um número cada vez menor de grandes empresas. O que não significa que pequenos e médios produtores devam desaparecer. O Brasil-continente ainda tem lugar e caminhos para todos.

Crise anunciada

"Que alívio!" – foi sem dúvida a expressão unânime de todo o empresariado integrante da cadeia produtiva do frango na virada do semestre. Em julho, afinal, o setor começou a sair daquela que vem sendo considerada a pior crise da moderna história da avicultura de corte e que perdurou durante a maior parte do primeiro semestre.

Mais triste que a crise, porém, é reconhecer que ela não pegou a avicultura de "calças curtas". De certa forma, prenunciava-se desde o final de 1998, quando o setor – afetado por um problema sanitário que reduziu a oferta de matrizes e de pintos de corte, elevando os preços de um e outro produto – passou a alojar desordenadamente novas matrizes de corte, em um processo que só foi estancado agora, em 2000.

Em suma, bastava conhecer a evolução do alojamento de matrizes para perceber que algo iria ocorrer. Pois enquanto no período 1990-1997 o alojamento evoluiu à média anual de pouco mais de 6%, no segundo semestre de 1998 a evolução alcançou, praticamente, 14%, índice que aumentou para quase 27% no primeiro semestre de 1999.

É verdade que, no segundo semestre de 1999, amainou o ímpeto de expansão: o aumento foi de apenas 7% sobre o mesmo semestre do ano anterior. Mesmo assim não se pode esquecer que esses 7% a mais incidiram sobre um volume aumentado de 14%. Dessa forma, só no primeiro semestre de 2000, quando o alojamento acusou retrocesso de 5%, é que o setor começou a retomar as rédeas da questão.

Começou, eis o detalhe. Mesmo com a redução, o alojamento ainda acumula uma expansão anual da ordem de 10% em relação a 1998 – índice de evolução pouco recomendável no contexto brasileiro de produção e consumo.

Produtividade como agravante

O excesso de produção podia ser previsto. Mas não se esperavam os agravantes que o acompanharam. Ironicamente, já que o aumento de produtividade constitui uma das grandes metas de qualquer empreendimento econômico, o primeiro desses agravantes teve por base, exatamente, o aumento de produtividade das linhagens de frangos.

Ao procurar substituir a linhagem afetada por problema sanitário, o setor introduziu no país linhagens mais modernas e muito mais produtivas (frangos com ganho de peso diário superior a 50g). E se a tendência natural – pelo aumento no volume de matrizes – era a produção de mais carne, o resultado final acabou sendo desproporcional ao projetado, como conseqüência adicional da maior produtividade.

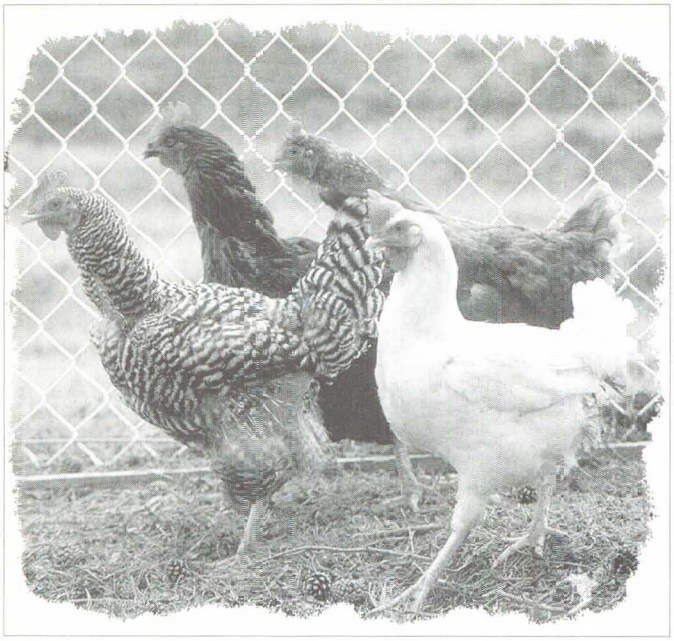
De toda forma, a oferta adicional decorrente da maior produtividade foi, pode-se dizer, "café pequeno" ante o problema que começou a se manifestar na virada do segundo semestre de 1999, persistindo inalterado até hoje: o aumento nos preços do milho, conseqüência principal de duas safras consecutivas insuficientes para atender às necessidades brasileiras.

Crise anunciada

Por sinal, o mais correto é dizer que há várias safras a oferta de milho vem sendo inferior à demanda, porque há anos o país importa o produto para suprir seus déficits.

Mas até o início de 1999 ninguém se preocupou com o descaso com que sempre se tratou a produção e o produtor de milho: o real mantinha relativa paridade (de 1:1) com o dólar e por isso ficava fácil importar. Só meses depois da desvalorização da moeda brasileira é que os consumidores, sobretudo os de aves e suínos, se deram conta do buraco em que estavam metidos.

Os efeitos mais sérios dessa carência puderam ser bem ob-



servados no primeiro semestre de 2000, época em que se combinaram aos altos preços do milho o aumento na produção e na produtividade de frangos e, é claro, a contínua perda de capacidade aquisitiva do consumidor. Foi quando *chegou ao ponto* o caldo no qual foi fermentada a pior crise da moderna avicultura de corte.

Alguns desses efeitos:

- enquanto os preços do milho (média do primeiro semestre de 2000 em relação ao ano de 1999) evoluíram mais de 30%, os preços pagos pelo frango vivo retrocederam mais de 6% – na média do semestre, porque em abril por exemplo o produtor chegou a receber R$0,45 por quilo de frango comercializado, valor 62% inferior ao obtido em dezembro de 1999 ;
- submetidos a vários meses de prejuízo, produtores independentes de frangos reduziram ou abandonaram a atividade, afetando antes de mais nada os produtores independentes de pintos de corte; em junho passado, o recuo na produção de pintos pelos independentes aproximava-se dos 25%, enquanto a redução média nacional ficou em apenas 0,87% (comparativamente a junho de 1999);
- as perdas não ficaram restritas a pequenos e médios produtores ou a independentes: uma das grandes integrações do setor acusa, para o primeiro semestre do ano, evolução de 14% em sua produção, mas queda de 60% nos ganhos líquidos.

Evolução zero

Nos dados da inflação mensal de agosto, o frango com certeza será responsabilizado pelas altas taxas registradas no mês. Entre julho (média de R$0,979/kg) e a primeira quinzena de agosto (média de R$1,20/kg), os preços do frango vivo evoluíram 22,5%. Para a avicultura isso não representou aumento: R$1,20/kg foi o preço (justo) que os produtores receberam em dezembro de 1999. Para eles, portanto, a evolução permanece igual a zero.

A importância social da avicultura

A importância social da avicultura não é mera retórica. Basta analisar as estatísticas. As relativas a 1970 apontam que naquele ano o brasileiro consumiu, na média, 35,6kg das três principais carnes – bovina, suína e de frango. Nesse total, a participação do frango não foi muito além dos 6% – meros 2,3kg *per capita* que justificavam a tirada do Barão de Itararé (jornalista Aparício Torely): "Pobre, quando come frango, um dos dois está doente". Além de escasso, o produto era caro.

Em 30 anos, o padrão de consumo dos brasileiros melhorou muito. O consumo de carnes mais do que dobrou. Mas quem teve participação decisiva nesse aumento foi, sobretudo, a avicultura. Ou, mais especificamente, o frango, cujos preços têm sido historicamente decrescentes, a ponto de em 1995 se tornarem referência da então recente moeda brasileira (1kg de frango = R$1).

Vejam-se os dados estatísticos mais recentes, relativos a 1999:

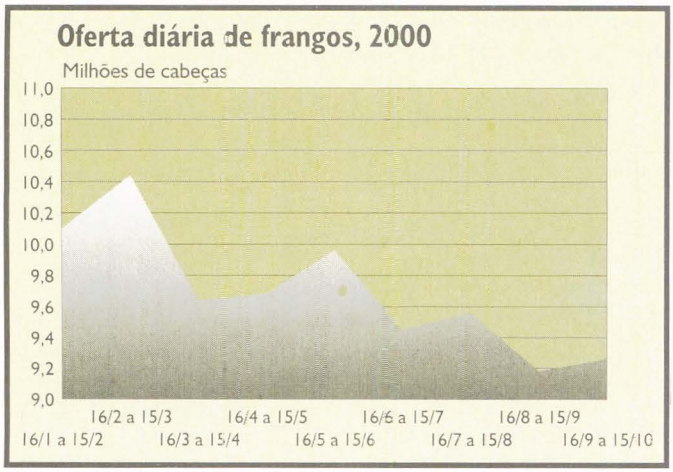
O consumo *per capita* total de carnes foi estimado em 76,7kg (115% de aumento em relação a 1970). Nessa expansão, a participação da carne bovina subiu de 25,7kg para 36,9kg (43% de aumento); a da carne suína, de 7,6kg para 10,7kg (cerca de 41% de aumento); e a de carne de frango passou daqueles inexpressivos 2,3kg já citados para nada menos que 29,1kg – bem mais de 1.000% em apenas 30 anos!

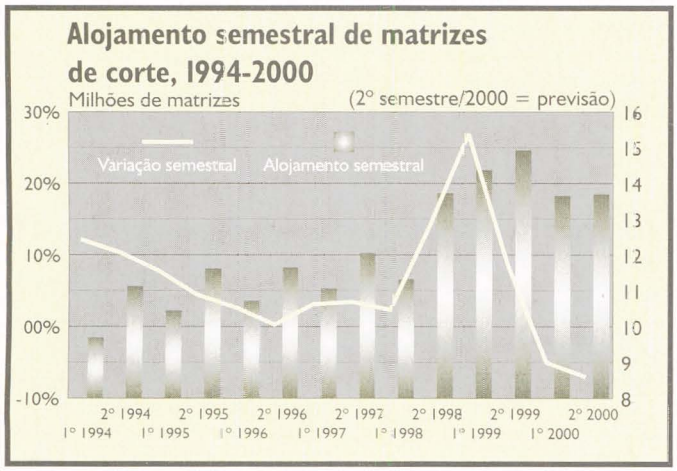
Por sinal, o frango possibilitou aos brasileiros um consumo de carnes similar ao observado em países ditos desenvolvidos. Isso foi demonstrado recentemente pelo Worldwatch Institute (dados relativos a 1997), numa análise sobre o consumo mundial de carnes, na qual se demonstra que entre os cinco países mais populosos do mundo (tabela), o Brasil registra o segundo maior consumo *per capita*, estando muitíssimo à frente do consumo médio registrado entre os países em desenvolvimento.

Quer dizer, pelo menos na questão do consumo de carnes, podemos afirmar que somos um país de primeiro mundo. Graças a quem? Ao frango, naturalmente.

Independentemente desse último fato, as acusações virão, a opinião pública ignorando (ou esquecendo) que em tudo existem causa e efeito, ação e reação: a média da primeira quinzena de agosto, R$1,20/kg, é puro reflexo dos R$0,45/kg que o produtor recebeu no final de abril – um valor que não cobriu nem a metade de seus custos e que o afastou compulsoriamente da produção, a ponto de gerar, entre agosto e outubro, a menor oferta de frangos do ano.

À baixa oferta correspondem os melhores preços do ano. Isso apenas comprova a lei de oferta e procura a qual a avicultura, in-





clusive suas grandes empresas, algumas vezes parece ignorar.

A aparente atratividade deve conduzir a novo aumento de produção a partir de outubro, com o pico de oferta ocorrendo, provavelmente, no mês de dezembro. Dessa vez supõe-se que o aumento não repetirá os absurdos anteriores. Não porque o setor careça de capacidade produtiva, mas porque a disponibilidade de milho (agora enredada na celeuma dos transgênicos) permanece como o grande limitador de aumento abusivo na produção.

Mudança em andamento

Mesmo com o melhor desempenho atual, uma incógnita ainda paira sobre o setor: a avicultura de corte independente conseguirá sobreviver? O que se constata até aqui (fato já mencionado) é que os independentes perderam participação na produção global de pintos, de frangos vivos e de frangos abatidos.

Parece, no entanto, que esse processo ainda não atingiu o ponto de estabilização. A renovação do plantel de reprodutoras entre os produtores independentes de pintos de corte (base de toda a produção independente do frango) tem sido fundamentalmente muito baixa.

Assim, é previsível que na virada do ano – ou melhor, do milênio – sua participação seja ainda menor, com maior concentração da produção entre as grandes empresas integradas. É a globalização atingindo a avicultura, o que não chega a ser novidade, mas intensifica a mudança que já vinha ocorrendo na estrutura do setor.

Consumo *per capita* de carnes* nos países mais populosos do mundo

País	Kg per capita
USA	123
Brasil	69
China	51
Rússia	45
Japão	41
Consumo médio em países desenvolvidos	70
Consumo médio nos países em desenvolvimento	23

Fonte: Worldwatch Institute.
* Consumo, exclusivamente, das carnes bovina, suína e avícola.

A superação da pior crise da moderna avicultura de corte não esconde a mudança estrutural ainda em andamento no setor: a concentração da produção em um número cada vez menor de grandes empresas. Mas pequenos e médios produtores não vão desaparecer. O Brasil-continente tem lugar e caminhos para todos.

Resta saber se as empresas que permanecerem desfrutarão melhor do mercado, algo que depende, inicialmente, da capacidade produtiva instalada (plantel de matrizes) e das condições de abastecimento de matérias-primas.

Equilíbrio instável

A evolução do alojamento de matrizes, base da produção do próximo ano, antecipa um volume 5% a 7% inferior ao alojado em 1999. Isso significa redução da atual ociosidade existente no setor, estimada em mais de 300 milhões de pintos de corte ou mais de 600 mil/t de carne de frango no primeiro semestre de 2000.

As possibilidades de oferta estarão portanto mais bem ajustadas à demanda (interna e externa), o que não significa que haja absoluto equilíbrio de mercado. Na avicultura, as respostas são muito rápidas; é suficiente retardar o descarte normal das reprodutoras por apenas quatro semanas para que, quase imediatamente, a produção se eleve e rompa o eventual equilíbrio existente.

Quanto ao abastecimento de matérias-primas – ou, em essência, do milho –, tudo indica que a avicultura voltará a desfrutar de melhores tempos, já que os dois anos de bons preços reverteram, estimulando as intenções de plantio do grão, e devem conduzir a um sensível aumento da área cultivada. Basta esperar uma mãozinha de são Pedro para que, como ocorreu neste ano, a produção já deficitária não seja ainda mais afetada por secas e geadas.

Mas a maior disponibilidade de milho não deve se traduzir por retrocesso proporcional nos preços. Eles estarão menos salgados que atualmente, mas não deverão retroceder aos bai-

xos níveis observados em anos anteriores.

A propósito, espera-se que a avicultura tenha compreendido que é impossível conviver com baixos preços: manter a produção fica insustentável. E o que ela enfrentou se aplica também ao produtor de milho, a quem a avicultura (mas não só ela) precisa estimular com preços justos para ter a garantia de abastecimento adequado.

Começar de novo

E o produtor independente – desaparecerá de vez?

O Brasil é um país-continente e boa parte de sua população permanece mal alimentada – por motivos econômicos que um dia serão superados. Portanto, ainda há muito espaço disponível.

Sem mencionar outras potencialidades, a crescente busca de alimentos naturalmente produzidos é uma das mais fortes tendências dos consumidores deste final de século.

A indústria avícola, convenhamos, não consegue ainda atender a tal demanda, pelo menos por ora. A criação intensiva e a necessidade de uma economia de escala não permitem abrir mão dos recursos técnicos (nutricionais e/ou sanitários) que asseguram produção rápida, elevada e a custos condizentes. A disponibilidade possível de produtos avícolas ditos naturais acaba recaindo sobre pequenos e médios produtores – os independentes, livres do compromisso de manter seu mercado mediante o volume produzido.

A busca de alimentos naturais é apenas uma tendência; portanto, tudo que se diga a respeito de seu atendimento é pura especulação. Mas é, sem dúvida, uma tendência que ganha contornos mundiais e conquista novos adeptos dia a dia. Portanto, não deve ser ignorada pela avicultura – ou pelo menos por boa parte de seus técnicos, que também têm nessa tendência um novo e promissor mercado.

Vai custar mais caro. Mas a parcela de mercado que busca o produto diferenciado também está disposta a pagar melhor por ele. Portanto, é capitalizar o nicho em surgimento.

Utopia possível

Concretizada essa – até aqui – pura especulação, a avicultura passaria a ter a seguinte estrutura:

- grandes empresas operando nos padrões normais de produção e atendendo à demanda de massa, inclusive a suas linhas de industrializados, cujo crescimento deve ser contínuo;
- pequenos e médios produtores dedicados à produção natural, atendendo a uma demanda específica.

Sonho? Utopia? Pode ser. Mas essa é também uma forma de evitar que desapareça toda uma infra-estrutura útil e ainda necessária ao país. Pequenos e médios produtores, querendo ou não, continuarão a ser alijados do mercado. E o Brasil não pode se dar ao luxo de perdê-los.

Outro caminho seria a parceria dos pequenos e médios com as grandes empresas, voltadas essencialmente para seu *core business* – que, em última instância, é o frango abatido e/ou industrializado – e depositando toda a responsabilidade pela produção de matrizes, pintos ou frangos aos parceiros, médios e pequenos produtores avícolas.

Brasil: estimativa do aumento de produção de carne de frango em função da mudança de linhagens

	Linhagem anterior tradicional	Linhagem atual "de conformação"
Nº inicial de pintos	100	110
Viabilidade (%)	95%	95%
Peso do frango vivo (kg)	2,15	2,4
Peso do frango abatido (kg)	1,8	2
Peso total do lote (kg)	171	209
Aumento de peso do frango (%)		11
Aumento de peso do lote (%)		22

Obs.: O presente quadro é apenas ilustrativo do alto desempenho das atuais linhagens em criação no país, pois não expressa todo o potencial de ganho de peso do frango.
Esse peso varia substancialmente conforme a idade de abate, bastando lembrar, a propósito, que os frangos ora em criação obtêm um ganho de peso médio diário superior a 50g.
Mesmo sendo apenas ilustrativo no entanto, o quadro possibilita constatar que um aumento de 10% na produção de pintos de corte redunda em aumento da ordem de 22% na produção de carne de frango.

Brasil: índices de evolução do alojamento de matrizes de corte
1990-2000

1990-1997 (média anual)		**6%**
1998	1º sem.	2%
	2º sem.	14%
1999	1º sem.	27%
	2º sem.	7%
2000	1º sem.	-5%
	2º sem.*	-7%

* Previsão.

Um caminho (ou ambos) precisa ser trilhado. Do contrário, a avicultura perderá rapidamente uma de suas principais características sociais, traduzida a um só tempo pela geração de empregos e pela manutenção do homem no campo.

A outra principal característica social da avicultura sem dúvida é a de produzir um alimento nobre, saudável e sempre acessível ao mais modesto dos brasileiros. No entanto, para manter essa característica, a atividade não depende apenas de si própria: precisa de um efetivo apoio oficial. Não para gerar novos empreendimentos do gênero, mas para extrair toda a potencialidade dessa estrutura que se encontra aí instalada e que, sem maior apoio oficial, transformou o Brasil no segundo maior produtor mundial de carne de frango.

José Carlos Godoy é secretário executivo da Apinco.